

EMERGÊNCIA DO PUTINISMO COMO UM NOVO POPULISMO

EMERGENCE OF PUTINISM AS A NEW POPULISM

Ana Paula Tostes¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: aptostes@uerj.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9642-6211>

Recebido em: 10/06/2022 | Aceito em: 08/12/2022.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



RESUMO

O objetivo do artigo é excursionar pela construção do conceito de putinismo para designar um fenômeno populista característico do regime político de Vladimir Putin na Rússia pós-soviética. Partindo de um contexto histórico e político da emergência da liderança política de Putin, apresentamos uma revisão da literatura sobre o conceito de putinismo, interpretado a partir de três espectros: como uma nova ideologia (Applebaum, 2013), um novo stalinismo (Shevtsova, 2012), ou um tipo próprio e característico do populismo (Canterbury, 2013; March, 2017). Nos três espectros conceituais encontrados na literatura, concluímos uma aproximação de caracterizações sobre a personalização da política nacional focada na figura de um líder carismático que se utiliza de estratégias de persuasão e capacidade de resgates simbólicos na condução de um governo centralizado e capaz de reprimir oposições. O contraponto é o enfraquecimento das instituições democráticas e a permanência no poder por vias de exceção que se justificam pelo argumento da legitimação de um projeto de construção nacional.

Palavras-chave: Putinismo; Putin; Rússia.

ABSTRACT

The objective of the article is to explore the construction of the concept of putinism to designate a populist phenomenon characteristic of the political regime of Vladimir Putin in post-Soviet Russia. Starting from a historical and political context of the emergence of Putin's political leadership, we present a literature review on the concept of putinism, interpreted from three spectrums: as a new ideology (Applebaum, 2013), a new Stalinism (Shevtsova, 2012), or a specific and characteristic type of populism (Canterbury, 2013; March, 2017). In the three conceptual spectrums found in the literature, we conclude an approximation of characterizations about the personalization of national politics targeted on the figure of a charismatic leader who uses persuasion strategies and capacity for symbolic rescues in the conduct of a centralized government and capable of repressing oppositions. The counterpoint is the weakening of democratic institutions and the permanence in power through exceptions that are justified by the argument of legitimizing a project of national construction.

Keywords: Putinism; Putin; Russia.





Revista Neiba, Cadernos Argentina-Brasil, Rio de Janeiro, Vol. 11, 2022

Ana Paula Tostes

DOI: 10.12957/neiba.2022.68129 | e68129 | ISSN: 2317-3459

INTRODUÇÃO

Gorbatchev foi secretário-Geral do Partido Comunista da União Soviética de 1985 a 1991, o principal líder soviético na ocasião, quando implantou seu programa de reformas econômicas e políticas conhecidas como perestroika (reestruturação ou reconstrução) e glasnost (transparência). Mesmo sem vigência e legalidade, foi assinado secretamente em 8 de dezembro de 1991 o Tratado de Belaveja (ou Belavezha), um documento não oficial anunciado em 25 de dezembro por Mikhail Gorbatchev, que continha os termos da proposta de extinção da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O Tratado tornou-se um fato político fundamental no contexto da desagregação da URSS. Foi o mesmo acordo que, secretamente assinado, também criou a Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

A agenda de reformas, ao lado de outros movimentos ocorridos em Repúblicas da União, caracterizou um momento de crise política, em meio à crise econômica, que fizeram eclodir as primeiras declarações unilaterais de independência da URSS pela Estônia, Letônia e Geórgia. Eventos se seguiram no transcurso do desmantelamento da União, incluindo-se uma tentativa fracassada de golpe de Estado em 19 de agosto de 1991 pelos opositores às reformas. Boris Yeltsin fez parte da resistência ao golpe como Primeiro Secretário do Partido em Moscou, apesar de ser um crítico de Gorbatchev. Posteriormente iria ser o primeiro presidente da Rússia independente e moderna (entre julho de 1991 até 31 de dezembro de 1999), exercendo um mandato que se tornou responsável pela principal fase de transição do modelo socialista de Estado para uma economia de mercado no país.

Com essa breve síntese do contexto do surgimento da nova figura política de Yeltsin, que marcaria a reconstrução da Rússia como uma potência emergente independente, introduzimos o momento político em que o personagem de Vladimir Putin alcança o governo da Rússia.

Apesar de ter enfrentado oposição do Parlamento, Boris Yeltsin aprovou uma nova constituição em 1993, com atribuição de mais poderes ao Presidente da Rússia. Ao longo dos anos de seu governo, Yeltsin teve sua figura desgastada por uma série de escândalos de natureza econômica, denúncias de corrupção e suas aparições públicas visivelmente alcoolizado. Neste



contexto, o presidente apresentou Putin à esfera política nacional, passando a se tornar seu homem de confiança. Em dezessete meses de presença no governo, Putin viria a ser nomeado o quarto Primeiro-Ministro (a partir de agosto de 1999) da Rússia pós-soviética.

Com a renúncia inesperada de Yeltsin no Ano Novo de 1999-2000, seis meses antes do final de seu segundo mandato, Putin assume a liderança do país como presidente interino até as eleições de 2000. Desde quando assumiu a função de Primeiro-Ministro, Putin rapidamente se tornou popular, em especial com o episódio da guerra da Chechênia. Seu governo interino de seis meses no ano de 2000 também foi bem aproveitado politicamente, orientado para sua campanha presidencial, traduzindo-se na sua vitória eleitoral com 53% dos votos populares. Putin se torna o primeiro Presidente eleito diretamente na Rússia pós-soviética em junho de 2000. O início de seu governo coincide com uma alta do petróleo no mercado internacional (importante recurso de exportação nacional) e uma recuperação da economia russa que lhe permitiu a implementação de políticas nacionais com suporte da elite econômica e política, acompanhado de escalada de popularidade.

1. A NOVA IDENTIDADE RUSSA E O PUTINISMO

Em artigo de 11 de janeiro de 2000, de autoria do analista político, escritor e cientista da Universidade de Moscou, Andrey Piontkovsky, o termo *putinismo* aparece pela primeira vez. Piontkovsky,² crítico do governo de Putin, publica seu artigo em um jornal russo intitulado, em inglês, como *Putinism as hisghest and final stage of bandit capitalismo in Russia*.³ O uso do termo era negativo e visava uma associação contrastante, mas crítica, em referência à designação do *stalinismo*. Apesar do termo passar a aparecer na mídia e no debate acadêmico, novos sentidos foram atribuídos ao *putinismo* como uma caracterização própria da liderança e do regime de Putin na Rússia pós-soviética. Análises da política russa na era de Putin, após mais de duas décadas de governo, passam a associar o estilo de governo de Putin às peculiaridades de um sistema de

² Piontkovsky deixaria o país em 2016, por seu opositor ao governo.

³ Tradução livre da autora para o português como: “O putinismo como o mais alto e último estágio do capitalismo bandido na Rússia”



governo ancorado em símbolos históricos, mais complexo e contemporâneo do que o *stalinismo* ou demais regimes políticos adotados pelas ex Repúblicas soviéticas.

Segundo o historiador Laqueur (2015), são três os pilares ideológicos daquilo que a literatura passa a se referir ao utilizar o termo lançado por Piontkovsky para refletir o sentido do fenômeno do *putinismo* (conferir o uso do termo, por exemplo, em: Taylor, 2018; Herpen, 2013; White & Mcallister, 2008; Hill & Cappelli, 2010; Kara-Murza, 2017; Fish, 2017; Inozemtsev, 2017; Leon, 2017). Laqueur (2015) sintetiza o fenômeno como uma manifestação de forte associação com valores da igreja ortodoxa, com ênfase a um senso de “destino manifesto” eurasiático, e para nutrir o medo do inimigo estrangeiro. Esses três pilares convergem em estratégias e narrativas da liderança de Putin, orientada para uma retomada do passado czariano e imperial. Porém, há um escalonamento e etapas da emergência do fenômeno do *putinismo* ao se consolidar no desenvolvimento de uma política externa que contribui para a construção de uma liderança doméstica fortemente nacionalista.

Putin dedicou tempo e energia significativos no desenvolvimento de relações com a União Europeia (UE) desde a sua nomeação como primeiro-ministro em 1999, ainda no período de reestruturação da política econômica pós-guerra fria. Putin inicia sua liderança realizando uma Parceria Estratégica com a UE com o objetivo de estreitar e melhorar os laços com uma crescente união econômica e política dos Estados nas fronteiras e com a União, buscando acordos em relação a quatro espaços comuns com a UE, com os quais Bruxelas concordou oficialmente em Conferência de Maio de 2003 (Cimeira UE-Rússia, em São Petersburgo): um espaço econômico comum; espaço de cooperação em segurança e justiça, que envolvia liberdade de circulação (com acordos na gestão da migração e concessão de vistos); espaço comum de pesquisa e educação e um espaço de segurança (Lynch, 2004). Após um período de cooperação e avanço em parcerias ocidentais, vimos uma decrescente presença russa e engajamento em articulações multilaterais desde então. A política externa russa para a região do *near abroad*,⁴ as relações com potências

⁴ *Near abroad* ou “estrangeiro próximo” (Waal; Twickel, 2020) são os países localizados na região do cinturão que a divide da influência europeia e ocidental se passa a se fazer presente e necessária na perspectiva das relações externas da Rússia, diante na nova configuração pós-guerra fria e tendo um processo de expansão da UE, apoiado pelos Estados Unidos.



amigas (como a China) e inimigas (como Estados Unidos), também sofreram mudanças desde a primeira década dos anos 2000.

O ano de 2011 foi marcado por protestos e manifestações que demandavam por respeito a direitos e liberdades individuais na Rússia, bandeiras de denúncias e demandas por dignidade e ética na política, além do fim da corrupção das classes abastardas, seguiam a onda de protestos da Primavera Árabe no país (Shevtsova, 2012, p. 6). No entanto, após as eleições presidenciais de 4 de março de 2012, tornou-se claro que a agenda de protestos estava fracassada, uma vez que as articulações esmoreceram e Putin passa a alcançar popularidade como presidente e implementar uma nova fase de governo, segundo Shevtsova (2012, p. 9) associável a um sistema baseado em “personal rule” e a um modelo “militar-stalinista” de “autoperpetuação de autoridade”. Para Gurganus e Rumer (2019), a política externa de Moscou passa a se encaixar na longa tradição histórica e intelectual de grande potência presente tanto na política externa soviética e como pré-soviética após 2012.

A sociedade russa guardava um nacionalismo moderado promovido pelas elites oligárquicas e, segundo March (2012), isso se contrastava a uma aspiração extremista do Kremlin por expansão de poder. Isso explica os imperativos conflitantes que tornaram a política externa russa, mesmo antes da anexação da Crimeia em 2014, mais imprevisível do que se suas políticas fossem baseadas em um “nacionalismo ideológico consistente”. Essa análise corrobora para a compreensão da construção de um nacionalismo russo pós-Guerra Fria marcado por uma mudança da política externa de Putin em relação à Europa.

White & Mcallister (2008) e Laruelle (2019) reforçam a relação entre a exaltação de um renascimento nacional da Rússia contemporânea, alavancado por Putin na última década, fazendo do país um Estado fortemente centralizado e militarizado, mas não necessariamente associado a um fascismo. Um conservadorismo e ultranacionalismo foram sendo reforçados de forma escalonada a partir de um crescente e visível culto à personalidade de Putin. Vimos estratégias de auto exposição na mídia do presidente, buscando se retratar não apenas como “o pai da nação”, mas também, líder no núcleo familiar, imagens de “marido ideal” (Herpen, 2013) e devoto católico ortodoxo. A imagem que Putin explora desde sua entrada na política nacional sob as mãos de Yeltsin, já era associada à virilidade e ao empoderamento (White & Mcallister, 2008), se deixando



fotografar dirigindo carros esportivos ou praticando esportes, pescando, caçando, montando um urso ou um cavalo, atirando em tigre ou baleias com munição de tranquilizante. Além de sempre se deixar fotografar mergulhando em águas congelantes nas festividades da epifania, dia santo de popular celebração do catolicismo ortodoxo.⁵

Assim, para além do gradual crescimento de popularidade de Putin na medida em que progride o culto à sua figura e modelo de liderança, se desenvolve uma identidade nacional renovada por um resgate ao papel político de uma Rússia grandiosa configurada em um modelo de Estado excepcional. Nem asiática nem europeia, mas central e geopoliticamente relevante, uma nova Rússia se modela a partir do orgulho de uma nação, recuperado historicamente a partir de seu passado, anterior à URSS.

Na linha de reflexões sobre as características particulares da política de Putin designada como *putinismo*, Applebaum (2013) destaca que, para além das ações estatais e de abrangência nacional e internacional, a liderança de Putin penetra espaços sociais relevantes. Enquanto análises políticas das ações da presidência de Putin não consideram atuações em rede, no âmbito da sociedade civil organizada, ou mesmo em redes secretas que provavelmente envolvem espiões no ocidente, Applebaum (2013) destaca a importância da disseminação da influência da política personalizada e centrada na figura de Putin no âmbito da micropolítica e da política subnacional. Segundo o autor, o fato de Putin buscar estar presente não apenas no governo central, mas em sindicatos controlados pelo Estado e até organizações da sociedade civil controladas pelo Kremlin dedicadas à promoção da democracia no país, propicia a consideração da extensão do *putinismo* enquanto uma “nova ideologia”.

Além do *putinismo* interpretado como uma nova ideologia (Applebaum, 2013), a literatura busca enquadrar características do *putinismo* a um novo stalinismo (Shevtsova, 2012). A partir da mídia nacional russa e em especial através da televisão estatal Putin estaria, para o autor e alguns analistas, “reestalinizando’ a Rússia” (The Economist, 2022) de modo a reforçar estratégias usadas por Josef Stalin na condução da sociedade soviética. Para Gregory (2018), este processo já

⁵ Na noite do dia 18 para o dia 19 de janeiro há rituais de abertura de buracos na neve (chamados de jordanos, alguns em formato de cruz) com romarias e bençãos de águas congelantes em referência ao rio Jordão e ao batismo de cristo. Isso ocorre para que, no dia 19 de janeiro, os russos ortodoxos realizem mergulhos e orações em rituais de purificação e como símbolo de força e fé.



ocorria e se anunciava, o de uma comparação de Putin com Stalin, considerando-se, no entanto, as formas ambíguas como Putin apela à memória de Stalin como figura predominante e necessária para a construção de uma Rússia forte. Ressalvando-se excessos, Putin se utiliza de estratégias de liderança similares a Stalin, segundo Gregory (2018). Semelhante ao stalinismo, mas com características próprias que vem sendo exploradas ao designar o regime do Putin como um *putinismo*, o autor considera a nutrição da violência e da paranoia no ambiente da sociedade russa e da política nacional, em defesa dos símbolos do país e sua excepcionalidade. Isso ocorre, para além das ações ilegais e secretas, como se denuncia sobre conspirações, envenenamentos e assassinatos de opositores, também a partir do domínio e manipulação da mídia (Judah, 2013) com notícias falsas, censura, opressão da oposição com proibição de manifestações críticas ao governo e restrições à liberdade de expressão.

2. PUTINISMO ENQUANTO POPULISMO

Segundo Müller (2016), o populismo é uma permanente sombra da política representativa, nem nova nem capaz de ser totalmente eliminada; é antielitista e antipluralista ao mesmo tempo; reivindica uma representação simbólica, real e direta do bem público e da vontade popular; usa forte apelo a consultas diretas à população e o suporte popular direto é priorizado diante dos procedimentos característicos dos Estados democráticos. No contexto de estratégias populistas, elites são apontadas como algozes e instituições como corrompidas (Müller, 2016).

Os populistas se utilizam da relevância da identidade coletiva no campo social (Stewart, 1969; Laclau, 2005). Nesse sentido, nem toda extrema direita é populista (Mudde, 2007), assim como nem todo nacionalismo é populista, mas o populismo alcança sentido pela articulação de construção de identidade coletiva em que um “nacionalismo excludente” (Cleen, 2017; Mudde; Kaltwasser, 2012a) gera uma fronteira entre aqueles que possuem uma história e uma cultura comum e aqueles que às ameaçam, como imigrantes ou nacionais de outras comunidades, crenças ou ethos social. A violência contra àqueles que se colocam como uma ameaça ao projeto identitário busca justificativas para crimes de ódio, xenofobia, e até mesmo intervenções ou guerras.



A retórica populista baseada em uma libertação da condição de proteção da identidade coletiva é somada à argumentos de libertação da política das mãos de elites corruptoras da vontade soberana e legítima das “pessoas comuns”, essas que seriam as vítimas das sociedades multiculturais (Clee, 2017, p. 444). De acordo com Clee (2017), a dimensão socioeconômica desempenha um papel crucial instrumentalizado pelo apelo nacionalista de caráter populista. A contraposição entre a aspiração da nação e os interesses das elites, vistas como responsáveis pela opressão da vontade nacional, é fomentada e ressignificada no argumento populista de reivindicação de legitimidade para se suspender direitos garantidos pela democracia liberal (Mudde; Kaltwasser, 2012b; Rydgren, 2007; Muller, 2016). Nesse contexto podemos compreender de que forma e a partir de quais pressupostos Fish (2017) destaca o putinismo como um populismo característico de Vladimir Putin. Um modelo e um estilo de liderança que emerge como um elemento central para a legitimação de seu regime político incomum no mundo contemporâneo, e mais recentemente revelado de alto risco por considerar legítima uma liderança nacionalista e populista capaz de provocar instabilidade global, a partir da invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022.

Apesar do fim da URSS, a Rússia de Putin continuou a buscar exercer o papel de um norm-maker na região do leste europeu em meio a outras manifestações de populismo em países pós-soviéticos (March, 2017, p. 276; Mudde 2001.). A construção de identidade coletiva, conforme explicada acima, foi sendo reforçada em torno da condução e estilo de liderança de Putin, baseado na pessoa do líder (Hill, 2018) e é nesse contexto que vimos identificadas estratégias populistas (Hill; Gaddy, 2013, p. 137 ss.; March, 2017, p. 284) próprias da liderança de Putin, sustentadas fortemente na relação entre o Estado e a Igreja ortodoxa russa. O conservadorismo escalonado no país tem feito contrastar-se cada vez mais o modelo liberal democrático institucional dos Estados contemporâneos e as reformas estruturais do Estado russo e suas instituições. Um exemplo disso foi a reforma constitucional aprovada por referendo em 2020 que, dentre outras mudanças relevantes que impactam a democracia no país, passou a permitir que Putin, que já se encontra no governo há 23 anos, continue no poder até 2036 (por mais 12 anos após o fim de seu mandato em 2024). Isso seria uma superação à longevidade da maioria das ditaduras, dos regimes fascistas e mesmo do governo de Stalin.



Apesar da falta de transparência sobre dados de popularidade e apoio ao governo no país, o sentido de nacionalismo crescente conduzido pela liderança de Putin aparenta atender a uma demanda de construção de identidade coletiva pós-soviética que encontrou, no uso de imagens de força, bravura e alinhamento com a Igreja ortodoxa, uma rede de sentidos, símbolos e legitimidade. Putin tem sido capaz de satisfazer ao mesmo tempo a demanda de uma unidade nacional, desde sua ascensão como líder, a partir de um resgate do passado imperial e da inserção internacional da Federação da Rússia enquanto um modelo de Estado soberano (não imperial, não europeu e não soviético) creditado como uma potência regional historicamente relevante na política global.

As estratégias do putinismo se realizam a partir de ações de política doméstica e externa, com reforço de uma identidade nacional própria do seu modelo que, para sua consolidação, depende do resgate de uma grandeza roubada, bem como do abate do inimigo externo e a defesa de povos russos que vivem em diásporas – alegações de Putin na sua justificativa da guerra na Ucrânia.

Verificamos elementos estratégicos dos populismos na condução do governo de Putin, especialmente a partir da primeira década dos anos 2000, como a identificação de um inimigo comum (o Ocidente, em especial os Estados Unidos), o combate às elites corruptas e a crítica às instituições liberais. Putin alega ter combatido (e de fato perseguiu) oligarquias desleais à nação, além de realizar as reformas legais e constitucionais justificadas pela necessidade de uma “correção” do mau funcionamento das instituições para a proteção dos valores da sociedade católica ortodoxa.

Taylor (2018) associa o putinismo a um código que se revela por um feixe de crenças, emoções, hábitos e ideias associadas como uma condução de um sistema e um corpo próprios. Para o autor, um processo de “putinização” pode ser identificado ao longo da trajetória da liderança de Putin, marcado pela combinação de um autoritarismo eleitoral, por uma oposição aos valores liberais europeus, e a um culto à personalidade do líder (Taylor, 2018, p.7). Além disso, o autor destaca o antiamericanismo e a instrumentalização do aparelho do Estado, o que podemos



identificar a partir da ocupação de espaços de poder com nomeações de grupos leais ao governo e uma política externa assertiva e expansionista (Tostes; Thomaz, 2022).

3. CONCLUSÃO

Desde 1999, quando já era Primeiro-Ministro no governo de Yeltsin, Putin passa a figurar como liderança russa nacionalista de modo contínuo e ininterrupto, com alternância entre cargos de Primeiro-Ministro e Presidente com Dmitri Medvedev, seu parceiro político. Por toda a trajetória de governo ao longo de cerca de 23 anos, a popularidade de Putin tem se apoiado em narrativas identitárias, o que não significa ser antiliberal ou antiocidental de “modo simplificado” (Segrilo, 2011), ou seja, facilmente identificável ou declarado, mas sim associado à reconexão com uma identidade perdida, esquecida ou asfixiada pelo modelo liberal democrático.

Segundo autores como Laqueur (2015) e Schimidt (2005), o *putinismo* se compreende pela identificação com a Rússia de 1904 e não de 1954. Nesse contexto, a invasão da Ucrânia em fevereiro de 2022 evidencia a ambição de Vladimir Putin em restaurar a glória do império russo a partir da restauração do terror comparável à liderança stalinista, mas fundamentada em uma recuperação de espaço e poder regional e global que se sustenta mais apropriadamente em um modelo de dominação geopolítica euroasiática. As justificativas de Putin para a guerra estão baseadas em simbologias históricas e argumentos de resgate de uma presença regional roubada por inimigos e na defesa do povo russo e sua soberania territorial.

Segundo Putin, em sua narrativa dentro e fora do país, sua “operação militar”, como designa a invasão da Ucrânia e a presença de forças militares no território do país, tem o objetivo de “desnazificar” a Ucrânia, “liberar russos” e “combater as mentiras do Ocidente”, para mencionar alguns argumentos que reiteradamente aparecem em narrativas de representantes e arautos da política de Putin ou pelo próprio Presidente do país em aparições internacionais e na mídia nacional. A narrativa *putinista* da guerra é um exemplo tanto do exercício de construção e reforço da ideologia do regime, como um reflexo daquilo em que se pode dizer que o *putinismo* resgata das crueldades do *stalinismo*, mas sob uma roupagem e justificativa próprias, para convalidar atos de agressão e violação de direitos humanos e do direito internacional público. A virada decisiva da política externa russa desde fevereiro de 2022, que traz impacto de dimensões



ainda imprevisas para o contexto global, gera uma demanda urgente de melhor conhecimento sobre as dinâmicas próprias de um populismo que não se compara a outros fenômenos iliberais. Esse evento de guerra na Europa contemporânea se revela como um objeto novo de investigação, ainda não evidente quanto à duração ou extensão de seu impacto. Por fim, e em função das peculiaridades do populismo de Putin, que não se confunde com outras ondas ultraconservadoras populistas ocidentais, embora tenha algumas de suas características, vimos no termo *putinismo* uma designação própria para um fenômeno novo. Este artigo espera contribuir para a reflexão sobre um fenômeno na política russa contemporânea que antecede à guerra na Ucrânia e não apresenta sinais de esmorecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Applebaum, Anne. (2013). “Putinism: The Ideology”. LSE IDEAS. Disponível em: <https://www.lse.ac.uk/ideas/publications/updates/putinism>. (Acesso em: 5 de mai., 2022)
- Canterbury, Richard Sakwa. (2013). “Developed Putinism: Change without Development”. *Russian Analytical Digest*, 127, May.
- Cleen, Benjamin de. (2017). “Populism and Nationalism”. In Rovira Kaltwasser et al (Eds.) *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press, pp. 435-460
- Colton, Timothy J. (2017). “Paradoxes of Putinism”. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/e48503441> (Acesso em: 10 de jun., 2022).
- Fish, M. Steven. (2017). “The Kremlin Emboldened: What is Populism?” *Journal of Democracy*, 28 (4): 61-75.
- Gregory, Paul R. (2018). “Russia’s Re-Stalinization”. Disponível em: <https://www.hoover.org/research/russias-re-stalinization> (Acesso em: 25 mai., 2022).
- Gurganus, J.; Rumer, E. (2019). “Russia’s Global Ambitions in Perspective”. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2019/02/20/russia-s-global-ambitions-in-perspective-pub-78067> (Acesso em: 20 de mai., 2022).



- Herd, Graeme P. (2001). "Russia and the Politics of 'Putinism'" *Journal of Peace research*, 38 (1) pp. 107-112.
- Herpen, Marcel H. (2013). *Putinism. The Slow Rise of a Radical Regime in Russia*. London: Palgrave Macmillan.
- Hill, William H. (2018). *No Place for Russia: European Security Institutions since 1989*. New York: Columbia University Press.
- Hill, Ronald J.; Cappelli, O. (2010). *Putin and Putinism*. London/New York: Routledge.
- Hill, F.; Gaddy, C. G. (2013). *Mr. Putin Operative in the Kremlin*. Washington, DC: Brookings Institution Press.
- Hopf, T. (1999). *Understandings of Russian Foreign Policy*. Philadelphia, PA: Pennsylvania State University Press.
- Inozemtsev, Vladislav. (2017). "The Kremlin Emboldened: Why Putinism Arose". *Journal of Democracy*, 28 (4): 80-85.
- Judah, B. (2013). *Fragile Empire: How Russia Fell in and out of Love with Vladimir Putin*. New Haven and London: Yale University Press.
- Kara-Murza, Vladimir V. (2017). "The Kremlin Emboldened: Putin is not Russia". *Journal of Democracy*, 28 (4): 110-116.
- Kofman, M.; Kendall-Taylor, A. (2021). "The Myth of Russian Decline". Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/russian-federation/2021-10-19/myth-russian-decline> (Acesso em: 5 de mai., 2022)
- Laclau, Ernesto. (2005). "Populism: what's in a name?," in Francisco Panizza (ed.), *Populism and the Mirror of Democracy*. London: Verso, pp. 32-49.
- Laqueur, Walter. (2015). *Putinism. Russia and its future with the West*. New York: Macmillan Publishers.



Laruelle, Marlene. (2019). *Russian Nationalism. Imaginaries, Doctrines, and Political Battlefields*. London/New York: Routledge.

Leon, Aron. (2017). "The Kremlin Emboldened: Why Putinism Arose". *Journal of Democracy*, 28 (4): 76-78

Lynch, Dov. (2004). "Russia's Strategic Partnership with Europe". *The Washington Quarterly*, 27 (2): 99-118.

March, Luke. (2017). "Populism in the Post-Soviet States". In Rovira Kaltwasser et al (Eds.) *The Oxford Handbook of Populism*. Oxford: Oxford University Press. pp. 276-297.

_____. (2012). "Nationalism for Export? The domestic and foreign-policy implications of the new "Russian idea". *Europe-Asia Studies* 64 (3): 401-425.

Mudde, Cas. (2001). "In the name of the peasantry, the proletariat, and the people: populisms in Eastern Europe." *East European Politics and Societies*, 15(1): 33–53.

_____. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mudde, Cas; Cristóbal Rovira Kaltwasser. (2012a). "Exclusionary vs. inclusionary populism: comparing contemporary Europe and Latin America,". *Government and Opposition*, 48(2): 147–74.

_____. (eds). (2012b). *Populism in Europe and the Americas: Threat or Corrective to Democracy?*, New York: Cambridge University Press.

Müller, Jan-Werner. (2016). *What is Populism?*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Polyakova, Alina. (2016). "Putinism and the European Far Right. Institute of Modern Russia. IMR". Disponível em: <https://imrussia.org/en/analysis/world/2500-putinism-and-the-european-far-right> (Acesso em: 10 de jun., 2022).

Rydgren, Jens. (2007). "The sociology of the radical right," *Annual Review of Sociology*, 33: 241–62.



Segrillo, Angelo. (2011). “A diarquia Putin-Medvedev”. in André Alves (Org.). *Uma longa transição*. Brasília: IPEA, pp. 137-154.

Schimidt, Michel. (2005). “Is Putin pursuing a policy of Eurasianism?”. *Demokratizatsiya*, 13 (1): 87-99.

Stewart, Angus. (1969). “The social roots,” in Ghita Ionescu and Ernest Gellner (eds), *Populism: Its Meanings and National Characteristics*. London: Weidenfeld and Nicholson, pp. 180–95.

Taylor, Brian D. (2018). *The Code of Putinism*. Oxford: Oxford University Press.

The Economist. (2022) “Vladimir Putin’s dictatorship. The Stalinisation of Russia.”. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2022/03/12/the-stalinisation-of-russia> (Acesso em: 10 de jun., 2022).

Tostes, Ana Paula; Thomaz, C. F. (2022). “Ucrânia invadida: quando identidade e geopolítica se encontram na estratégia populista de Vladimir Putin”. *Interseções*, 24 (1)

Waal, T.; Twickel, N. (2020). (Edited by Michael Emerson). *Beyond frozen Conflict. Scenarios for the Separatist Disputes of Eastern Europe*. Centre for European Policy Studies (CEPS, Brussels), London: Rowman & Littlefield International Ltd.

White, Stephen; Mcallister, Ian. (2008). The Putin Phenomenon. *Journal of Communist Studies and Transition Politics*, 24 (4): 604-628.

